

5 f h] [c g

Ensina-nos a mineralogia que os mais puros cristais se formam pelo esfriamento de rochas em estado líquido. As temperaturas necessárias para fundi-las são elevadíssimas, como as existentes nos vulcões e no magma do interior da terra. Quanto mais longo for o tempo de esfriamento, e maior a tranquilidade desse processo, maiores e mais perfeitos serão os cristais.

“Santo Ulrico” - Paróquia de Santo Ulrico em Gröden, Ortisei (Itália)

O mesmo acontece com as instituições da Igreja: a Liturgia, a hierarquia eclesiástica, o Código de Direito Canônico, as manifestações artísticas, enfim, as maravilhas que conhecemos e deslumbram o mundo hoje em dia.

Nosso Senhor não fundou uma Igreja já perfeita e acabada, mas quis deixar essa tarefa de elaboração das instituições aos seus futuros membros, os quais com serenidade, paciência e sabedoria, iriam cristalizando ao longo dos séculos a maravilhosa e ardente doutrina que nos deixou o Filho de Deus.

Uma dessas instituições, que demorou nove séculos em produzir um dos melhores diamantes espirituais da Igreja, é a das canonizações: o primeiro homem oficialmente elevado à honra dos altares foi Santo Ulrico, Bispo de Augsburgo, na atual Baviera, Alemanha, no século X.

Isto não significa que não tenha havido santos na Igreja nos séculos

%#

5 f h] [c g

precedentes. Houve sim, mas não passaram por um processo formal, segundo regras definidas pela Santa Sé. Até então, os santos eram aclamados pelo entusiasmo popular, a vox populi; enquanto hoje, a fama de santidade de um católico leva apenas a que se inicie o seu processo de canonização.

Com a expansão da Igreja, os Bispos, paulatinamente e visando evitar abusos, reservaram-se o direito de propor à devoção pública um determinado fiel, mas faziam-no sempre como consequência de um primeiro movimento proveniente dos fiéis.

Na época das perseguições, costumava-se celebrar a Eucaristia nos túmulos dos cristãos falecidos, no aniversário de sua morte. Isso não despertava suspeitas das autoridades perseguidoras, pois os romanos tinham o costume de realizar uma refeição na tumba de seus familiares; e as primeiras liturgias cristãs eram uma imitação muito próxima do acontecido na Última Ceia: não havia ainda um rito estabelecido, paramentos litúrgicos, vasos sagrados, nem a maior parte dos ornamentos usados hoje em dia para estimular nossa devoção e mostrar a devida reverência ao ato sagrado. Nem sequer existiam igrejas.

Assim, pois, esse costume foi se generalizando, e em tempos posteriores às perseguições não era raro celebrar-se com pompa a Eucaristia nos túmulos dos familiares. Santo Agostinho, por exemplo, narra nas Confissões a Eucaristia celebrada na sepultura de sua mãe, Santa Mônica.

Posteriormente, com as migrações e invasões bárbaras, foram sendo removidos e enterrados nas igrejas, para protegê-los contra saques e profanações, os ossos, ou seja, as “reliquias” (do latim, relinquare, deixar para trás) dos mártires, que haviam edificado particularmente os fiéis por sua morte exemplar. No decorrer do tempo, quis-se enterrar nas igrejas também os restos mortais de pessoas dignas de veneração por suas virtudes e exemplo de vida: santos não mártires, como se diz hoje em dia.

Com o aumento do número de “santos”, a Igreja foi estabelecendo os critérios necessários para proclamar a santidade de uma pessoa. E o

&#

5 f h] [c g

primeiro em cumpri-los foi Santo Ulrico, canonizado em 3 de fevereiro de 993 pelo Papa João XV. Perdeu-se a bula de canonização, mas sabe-se de sua existência mediante transcrições posteriores e menções em outros documentos. Desde então, fizeram-se vários aperfeiçoamentos e modificações no processo, mas os fundamentos estavam lançados. (Revista Arautos do Evangelho, Março/2013, n. 135, p. 32)

#